

Misericórdia de Setúbal

Na vanguarda da palição

Na península de Setúbal há mais do que bons ares para robustecer a saúde. Azeitão, terra de vastos olivais, sublinhados na sua magnitude e beleza por toponímia sarracena, foi sempre região de franco e bom acolhimento, oferecendo pouso definitivo a gentes vindas de várias partes do país, em busca do espaço livre, da fertilidade das suas encostas e do comércio de bens como a grã (corante escarlate, extraído das fêmeas grávidas do pulgão). Hoje, Azeitão conserva ainda respeito absoluto pela vontade de viver com placidez, até ao fim. A Unidade de Cuidados Paliativos da Santa Casa de Misericórdia de Azeitão é um sinal, claro, de que o abraço entre a morte e a vida não precisa de ser colorido em tons pardacentos

A Santa Casa da Misericórdia (SCM) de Azeitão, fundada em 1622, tem as suas portas abertas à população em muitos domínios em especial no apoio ao nível dos cuidados de saúde. Consultas de diversas especialidades clínicas, apoio domiciliário e a

gerais e um especialista em Medicina Interna, quatro enfermeiros (dois deles vocacionados exclusivamente para o apoio domiciliário), uma psicóloga, uma assistente social, um fisioterapeuta e uma funcionária administrativa, estando preparada

varia conforme a análise do contexto. "Por vezes desloca-se apenas uma enfermeira. Em outras situações pode existir a necessidade de eu ou outro médico irmos até junto do doente, em conjunto com a assistente social. A flutuação imposta pelos casos é

de funcionamento, como indica Jorge de Carvalho. "Devido à inexistência de apoio em termos de cuidados paliativos em todo o concelho, somos muitas vezes chamados a acompanhar pessoas que vivem fora do nosso raio de acção geográfico. Já aconteceu a equipa prestar serviços em Setúbal, em Palmela ou em Sesimbra, por exemplo, quando nos deparamos com situações dramáticas". É importante realçar que a Unidade de Cuidados Paliativos da SMC de Azeitão não dá por terminado o seu trabalho, após a morte do doente. De facto, uma das componentes essenciais do acompanhamento oferecido às famílias é o apoio no luto, nomeadamente através de consultas com a psicóloga da equipa, ou de contactos com a assistente social. Este prolongamento da relação entre equipa e cuidadores é previsível e instintivo, compreendidos os laços de afectividade e de empatia que vão sendo criados à medida que a vida do doente caminha para o seu término. Cortar abruptamente esta ligação seria um óbice a um luto plácido.

dia, em consulta de ambulatório ou em fase de internamento. Cabe à equipa clínica e de enfermagem e à assistente social determinar, a cada momento, qual a opção mais adequada a cada caso.

"Os familiares, quando são cuidadores, fazem parte da equipa de cuidados paliativos. Estas pessoas, ao longo do período em que acompanhamos o doente, tornam-se peças fundamentais do nosso sistema de trabalho. É-lhes dada alguma informação e formação sobre o que está a ser feito, de modo a que não caiam na tentação de nos chamar a todo e qualquer momento", explica Jorge Maria de Carvalho.

A gestão da dor, do delírio, da medicação, por exemplo, são situações que os cuidadores no domicílio aprendem a dominar com alguma facilidade, o que facilita a actividade da equipa e impede, em muito casos, visitas desnecessárias aos serviços de urgência.

Só em situações em que o doente chega inesperadamente às mãos da equipa, sem tempo suficiente para que a preparação da família seja concretizada, se torna comum que médicos e enfermeiros sejam chamados duas ou três vezes em cada noite. "Quando as famílias não percebem o que se está a passar com o doente, surgem as interrogações sucessivas", alerta o provedor da SCM de Azeitão.

Actualmente, de acordo com o coordenador da Unidade, "ao contrário do que se poderia pensar, apenas 40% a 50% dos casos tratados em cuidados paliativos estão relacionados com neoplasias". Existe um leque de outros problemas com alguma expressão, como insuficiências cardíacas congestivas, insuficiências renais graves, demências ou doenças neurológicas degenerativas, que preenchem boa parte do quotidiano da equipa de cuidados.

Gratidão paga com gratidão

Ao nível dos apoios materiais para a Unidade de Cuidados Paliativos, a SCM de Azeitão tem contado, acima de tudo, com a boa vontade da população (que se reflecte nos donativos) e do suporte protocolado com juntas de freguesia (essencial, em termos de transporte e de ajudas técnicas). Um



Em Azeitão, o trabalho da equipa interdisciplinar de cuidados paliativos é assumido como um compromisso partilhado, pelo que não é invulgar que vários profissionais de saúde e técnicos assistenciais se desloquem, em simultâneo, a casa dos doentes

possibilidade de utilização de um centro de dia, altamente concorrido, são alguns dos serviços que disponibiliza.

A equipa multidisciplinar dos cuidados paliativos, formada no final de 2002, veio alargar o escopo de actuação. Com uma constância de meios humanos e técnicos invulgar, a equipa integra três médicos (dois clínicos

para oferecer uma resposta 24 horas por dia. A partir das 20 horas, entra em funcionamento um regime de prevenção, através do qual os próprios doentes, os cuidadores principais ou restantes familiares podem solicitar a presença dos membros da equipa. Quem se desloca a casa dos doentes (e em que circunstâncias o faz), é um factor que

continua", refere Jorge Maria de Carvalho, coordenador da Unidade de Cuidados Paliativos e Provedor da instituição.

A área geográfica coberta pela equipa, em princípio, deveria resumir-se apenas a duas freguesias (São Lourenço de Azeitão e São Simão de Azeitão). Contudo, a realidade desmente os pressupostos teóricos

Entrega total não é para todos

Dado o envelhecimento progressivo da população e uma cultura institucionalizada da saúde e do bem-estar, o contacto crescente com as patologias progressivas e incuráveis é uma realidade para quase todos os profissionais de saúde, pelo que os médicos de família não escapam à regra. No concelho de Azeitão e no distrito de Setúbal, muitos clínicos gerais estão

receptivos às intervenções na área dos cuidados paliativos. Contudo, há sempre quem não aceite de bom grado esta missão, como nos conta Jorge Maria de Carvalho: "Algumas pessoas alegam que não são pagas para isso, que não possuem as condições ideais para esse tipo de trabalho ou que não estão motivadas para uma actividade não curativa. Depois, há sempre quem vista a casaca do funcionalismo

público". Enquanto existirem técnicos de saúde que estranhem o facto de colegas atenderem o telefone às três da madrugada, ou a realização de visitas domiciliárias fora de horas de expediente, os cuidados paliativos não terão pernas para andar. Ou caminharão nos intervalos de câibras inexplicáveis.

outro projecto, submetido à apreciação da Fundação Gulbenkian, recebeu igualmente apoio financeiro, que contribuiu para reforçar o equilíbrio das contas na Unidade.

O suporte da comunidade, inclusive do ponto de vista financeiro, tem-se revelado de relevância expressiva, até porque num meio relativamente pequeno, "todas as pessoas conhecem, directamente ou indirectamente, o caso de alguém que foi ajudado pela equipa, o que as leva a sentirem-se agradecidas", refere a enfermeira Alexandra Belchior, profissional com formação específica na área (frequentou o 2º Mestrado em Cuidados Paliativos da Faculdade de Medicina de Lisboa - FML).

A ligação ao centro de saúde local é também importante, numa perspectiva operacional, uma vez que permite aumentar a capacidade do serviço, ao nível do atendimento de enfermagem. Na realidade, é o corpo de enfermagem do centro de saúde local que presta apoio aos doentes dos cuidados paliativos, até às 18h00. Após essa hora, aos fins-de-semana e feriados, a responsabilidade técnica de enfermagem transfere-se para os enfermeiros da Santa Casa. Em média, a equipa de cuidados paliativos

acompanha três a quatro doentes por dia, em apoio domiciliário. "Naturalmente que existem picos de actividade, até porque se trata de pessoas em fim de vida. O número de mortes tem um impacto óbvio no total de visitas domiciliárias", afirma Alexandra Belchior.

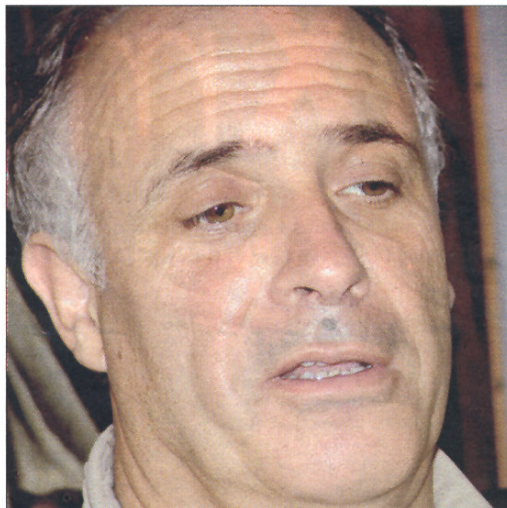
Todo um mundo a descoberto...

A instituição é uma das sete a prestar apoio em cuidados paliativos, de modo estruturado e ininterrupto, no nosso país, segundo os critérios estabelecidos pelo Ministério da Saúde. Para o arranque dos cuidados paliativos em Azeitão muito contou o esclarecimento, a sabedoria técnica e a uma constante lógica de aperfeiçoamento dos recursos humanos. Jorge Maria de Carvalho frequentou o 1º Mestrado em Cuidados Paliativos da FML, um primeiro passo para que se iniciasse a formação de uma equipa em Azeitão. Pode-se dizer que esta localidade passou a dispor de um dos núcleos técnicos de excelência a actuar em Portugal, estatuto que é fomentado, também, pela constante troca de experiência com profissionais de outras regiões e com a participação dos membros da equipa em vários

curso, conferências e congressos relacionados com o tema.

"Entre 2003 e 2005 foram realizadas,

o mínimo de preparação", adianta o responsável.



José Maria de Carvalho, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Azeitão, classifica o acompanhamento dos doentes crónicos e terminais em Portugal como uma "catástrofe"

aqui em Azeitão, várias acções de formação, nas quais estiveram presentes formadores vindos da Unidade de Cuidados Continuados do CS de Odivelas e algumas pessoas que realizaram o Mestrado de Cuidados Paliativos da FML", explica o provedor da Santa Casa.

Esta aprendizagem foi dirigida a médicos e enfermeiros da SCM de Azeitão, mas também a outros profissionais de saúde que trabalham em outras unidades da região, num esforço de replicação de saberes. "Para que o desempenho de uma equipa de cuidados paliativos seja optimizado, tem de existir um bom nível de competência. Da mesma forma que ninguém se lembra de vir abrir um bloco de Neurocirurgia aqui no Rossio do povoado, também não se pode arrancar com cuidados paliativos sem

Detractores "involuntários" dos cuidados paliativos

A Santa Casa da Misericórdia de Azeitão foi recentemente distinguida - na pessoa do seu provedor - com o prémio Fundação Comendador Verdades Faria (no valor de cinco mil euros), pelo seu papel de "vanguarda dos cuidados continuados e paliativos".

Mas, pese o reconhecimento de que tem sido alvo, nem todos os profissionais de saúde e técnicos assistenciais são generosos na apreciação do valor dos cuidados paliativos. Existem dois tipos distintos de atitude, descritos por Jorge de Carvalho. "Algumas pessoas compreendem rapidamente o valor dos cuidados paliativos. Percebem que estamos perante um apocalipse neste país, uma nação que

envia as pessoas para morrer em casa, com uma palmada nas costas e um saquinho de Ben-u-ron. Estes profissionais reconhecem, humildemente, que não sabem agir perante este tipo de situações e procuram a nossa ajuda", explica. Mas o reverso da medalha também se verifica. Alguns colegas "continuam a pensar que sabem de tudo um pouco e são precisamente esses que enviam os doentes para casa, no final das suas vidas, recitando-lhes uns analgésicos".

O modelo em que se baseia a prestação de cuidados de saúde em Portugal também não é o mais propício para a consolidação da Medicina Paliativa. "Não há hoje saída possível para os doentes afectados por doença crónica e avançada, uma vez que não existem hospitais de retaguarda e a comunidade carece de preparação para os acolher", denuncia Alexandra Belchior.

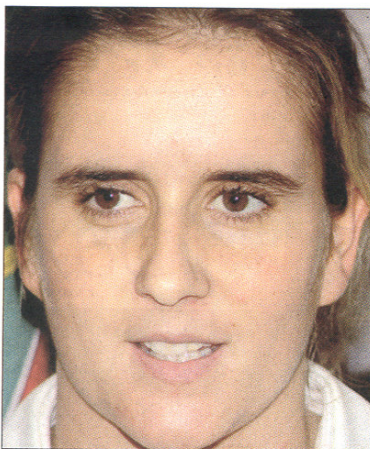
Erros de palmatória

Algumas situações com que a equipa dos cuidados paliativos de Azeitão se depara são classificadas pelos seus responsáveis como deploráveis. "Observamos pessoas em situações de enorme sofrimento, com entubações nasogástricas, desidratadas, à mercê de dor completamente descontrolada", testemunha o provedor da SCM de Azeitão. O mais bizarro é que determinados sectores da sociedade portuguesa ainda vêem este tipo de sofrimento como normal e expectável. "Em termos culturais somos um povo deprimido, que pensa que o sofrimento está implícito à experiência humana. Ainda existe uma mentalidade que associa a morte ao sofrimento", considera Alexandra Belchior.

A ligação antiga entre os cuidados paliativos e o movimento das Misericórdias portuguesas está bem documentada e é conhecida de quase todos. Estas instituições começaram a surgir no início do século XVI, como resposta à epidemia de peste negra que dizimou um terço da população europeia. "Quando a peste se instalava numa determinada casa ou aldeia, ninguém ousava tratar as pessoas, ou enterrar as vítimas da doença. A sociedade civil teve de se organizar em torno das Misericórdias, de forma a poder assistir estes doentes e as suas famílias", relembra o clínico geral de Azeitão.

Para este médico, da mesma forma que no final da Idade Média a sociedade portuguesa se mobilizou para enfrentar uma hecatombe em termos de saúde pública, também hoje deverá juntar esforços para lidar com um novo desafio. "É de facto de uma catástrofe que falamos. Quando 90% das pessoas morre de doença prolongada e não existem estruturas, no SNS, para acudir a essa população, não há que ter medo em mencionar a palavra tragédia".

Tiago Reis



A enfermeira Alexandra Belchior considera que em Portugal ainda se associa a morte, em grande medida, a um tipo de sofrimento incontornável

Cada consciência, seu dever

Quem deve tratar dos mais enfermos, entre os enfermos? Quando a vida está suspensa por um fio, onde procurar socorro? Questionar a partilha das responsabilidades pelos cuidados paliativos, no seio de uma comunidade, é meio caminho para encontrar soluções. De acordo com Jorge de Carvalho, coordenador da Unidade de Cuidados Paliativos da Santa Casa da Misericórdia (SCM) de Azeitão, tal responsabilidade não pode "recair apenas nos ombros de médicos, enfermeiros e psicólogos, do mesmo modo que não é um problema que se possa empurrar para o governo. Esta é uma competência de todos os cidadãos". No entender da enfermeira da SCM de Azeitão, Alexandra Belchior, "uma equipa de cuidados

paliativos é, na sua essência, a comunidade organizada em torno de um objectivo comum, pelo que sensibilizar o meio social é indispensável". Em Azeitão, por exemplo, a exposição dos factos mais importantes sobre os cuidados paliativos tem permitido recolher frutos interessantes. "As pessoas, quando chegam até nós, sabem ao que vêm. Habitualmente a população só procura a Santa Casa da Misericórdia quando de facto necessita, e no contexto dos cuidados paliativos, está consciente do que temos para oferecer", refere a especialista.

De resto, durante anos, a SCM fez questão de espalhar a palavra pelo concelho sobre o que os cuidados paliativos significam, o que podem e não

podem resolver. "As pessoas percebem, assim, que este tipo de serviço não pode eliminar a doença, que é incurável, mas que pode suprimir problemas do momento.

Como o controlo de sintomas ou a utilização de uma cama articulada, que podem melhorar a qualidade de vida e atribuir alguma dignidade na morte", reforça Jorge de Carvalho. A equipa de Azeitão tem lançado esta mensagem aos "sete ventos", utilizando para tal o jornal da Santa Casa da Misericórdia, fundado há seis anos, ou entrevistas emitidas numa rádio regional de Setúbal, por exemplo.